

Enviado ao Congresso, o Orçamento Fiscal deveria provocar arrebatadas discussões, mobilizar políticos, sindicatos, intelectuais, associações de moradores — enfim, todos os cidadãos, rigorosamente todos. Afinal, será decidida a distribuição do dinheiro arrecadado dos cidadãos por meio de impostos pagos diariamente, tanto no cigarro, no cafezinho como numa operação financeira. Todos pagam impostos todos os dias, abrindo mão de valiosos recursos. O orçamento, porém, está fadado, nesses tempos de sucessão presidencial, a passar silenciosamente, mesmo porque os deputados dispõem de reduzidíssima munição para empreender modificações.

A questão não é menor. Ao contrário: essa indiferença, algo comum nesses anos autoritários, revela uma doença nacional, uma doença que vem provocando dramáticas distorções. A falta de convicção de nossos direitos. Não é à toa que o Brasil, hoje, tem energia nuclear e, ao mesmo tempo, importa trigo. Exporta aviões, mas convive com a seca. Se o poder fosse mais fiscalizado, com implacável punição para a corrupção e a incompetência, certamente haveria maiores condições de desenvolvimento. Disparates seriam evitados.

O Governo apenas deveria representar os cidadãos — nada mais. Algo tão simples e, no entanto, tão complicado nesta República, onde as elites dirigentes insistem em considerar a população como um rebanho de imbecis ou ingênuos, prontos a cair nos tentáculos da subversão. “Somos obrigados a aturar essa “conversa mole” de homens que promovem a subversão da or-

dem, prendendo, censurando, fechando Congresso, cassando mandatos. Ditando, com nosso dinheiro, como devemos agir, como devemos pensar”.

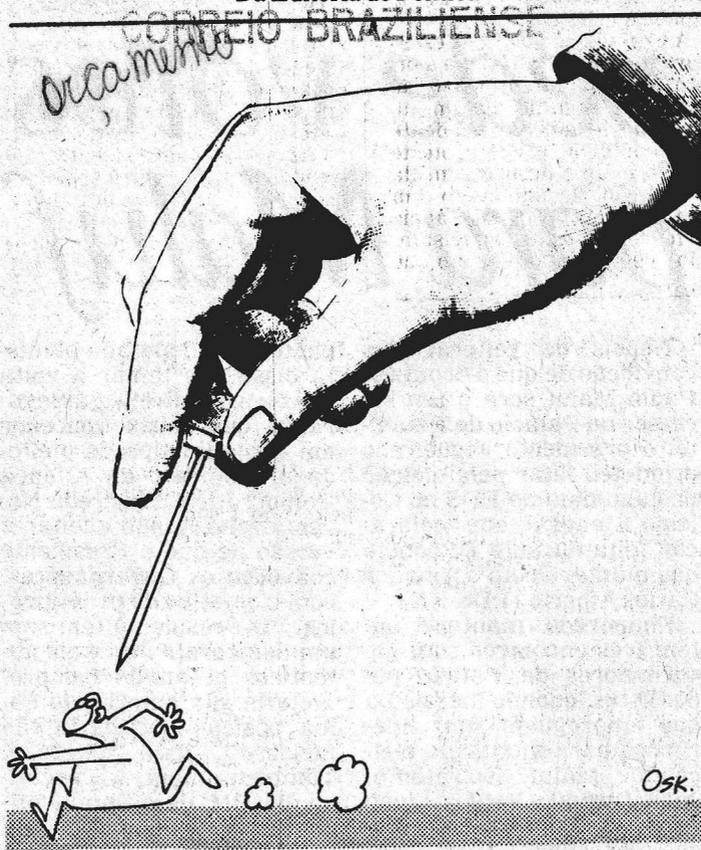
Alguém discutiu esse orçamento? Alguém perguntou sobre a forma como deveriam dispor de nosso dinheiro? Esse dinheiro, vamos falar claro, foi, de certa forma, emprestado. Esperamos, portanto, que seja bem usado — não cobrindo rombos de “financeiras”, ajudando protegidos, políticos de credibilidade suspeita, perseguindo inimigos. Veja-se que nesse orçamento, por trás de números aparente-

mente complicados, o Ministério do Exército ganhou mais recursos do que o Ministério da Agricultura — isso num país que passa fome. Se somarmos, então, as três Armas (Exército, Marinha e Aeronáutica) a diferença será ainda mais gritante.

A rigor, não há nada de excepcional nesse tipo de prioridade — a população pode aprová-la tranquilamente. Mas aprova? Como saber? Não basta que o Governo seja eleito limpamente, é preciso que o Legislativo tenha poderes de provocar uma discussão nacional. E o Tribunal de Contas condições de fiscalizar — por si-

GILBERTO DIMENSTEIN

Da Editoria de Política



nal, o TCU é o penúltimo colocado na ordem de prioridade.

Devemos saudar, entretanto, que o primeiro colocado é o Ministério da Educação e Cultura — logo em seguida vêm o Ministério da Aeronáutica e a Previdência Social. Quem é mais importante: Aeronáutica ou Previdência Social? A decisão exige — claro — estudos, debates. Por trás das considerações técnicas, dos números herméticos, há vidas, pessoas que podem ser ajudadas, salvas num posto de saúde.

Aí está um de nossos males — até certo ponto amparado pela imprensa. Não se fala claro. Quando o Conselho Monetário Nacional decide retirar 1% do subsídio ao trigo, os jornais não estampam: “Preço do pão vai subir”. Ou quando se fala que, no próximo ano, o PIB vai subir 1%, não se lembra, abertamente, que para gerar 1,4 milhão de empregos, a fim de satisfazer nossas necessidades, precisamos crescer 7%. A complicação serve de escudo aos poderosos.

Um escudo relativo. A dona-de-casa, sem saber o que significa PIB, sente o preço do pão e o do macarrão — e, nas urnas, protesta. O desempregada, que jamais ouviu falar em CMN, participa de saques ou quebra-quebras. Os escudos, porém, com a democracia, estão acabando. A imprensa está livre. Mais que isso: os espíritos estão livres, o que significa que a opinião pública quer ter informações para participar. E o Governo terá de dar informações para sobreviver. E a imprensa, refletindo esse movimento, terá de ser clara para ser lida.